

“O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?”: A REPRESENTAÇÃO DE SUJEITO-TRABALHADOR NO DISCURSO DA MÍDIA INFANTIL

Marina Coelho¹
Kettle Duarte Paes²
Monique Nascimento³
Marcio Rodrigues⁴

RESUMO

O título do trabalho ilustra a antecipação do pensar infantil acerca das atribuições de um mundo centrado na economia, em que o livre/lúdico brincar perde espaço para atividades/materiais que representam investimento eficiente em capital humano. Por esta razão, com base na Análise Crítica do Discurso anglo-saxã, propomos o exame da representação de sujeito de uma série que há mais de sete décadas ganha espaço no imaginário infantil: “Thomas e seus amigos”. Ao revelar que o trabalho ocupa a condução da vida humana (a vivência de sofrimento está associada exclusivamente ao não-trabalho), a análise do *corpus*, composto por cinco músicas atuais e constantemente repetidas na transmissão televisiva para o Brasil, também evidencia a representação de um sujeito/trabalhador ideal: produtivo, disciplinado e dócil/feliz. A obra, portanto, não apenas responde o que o sujeito deve ser quando crescer, mas atua na sua constituição.

Palavras-chave: Sujeito; Trabalho; Mídia infantil; Análise crítica do discurso.

¿QUÉ QUIERES SER CUANDO CREZCAN? ": LA REPRESENTACIÓN DE SUJETO EN EL DISCURSO DE LOS MEDIOS INFANTIL

RESUMEN

1 Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

2 Doutora em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Adjunta do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da Universidade Federal de Rio Grande (ICEAC/ FURG).

3 Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

4 Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e do Curso de Bacharelado em Administração da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Líder do Núcleo de Estudos Marcelo Milano Falcão Vieira (NeMaVi) e Pesquisador do Observatório da Realidade Organizacional (UFSC).

El título del trabajo ilustra la anticipación del pensamiento infantil acerca de las atribuciones de un mundo centrado en la economía, en que el libre / lúdico jugar pierde espacio para actividades / materiales que representan inversión eficiente en capital humano. Por esta razón, con base en el Análisis Crítico del Discurso anglosajón, proponemos el examen de la representación de sujeto de una serie que desde hace más de siete décadas gana espacio en el imaginario infantil: "Thomas y sus amigos". Al revelar que el trabajo ocupa la conducción de la vida humana (la vivencia de sufrimiento está asociada exclusivamente al no trabajo), el análisis del corpus, compuesto por cinco canciones actuales y constantemente repetidas en la transmisión televisiva a Brasil, también evidencia la representación de un sujeto/trabajador ideal: productivo, disciplinado y dócil/feliz. La obra, por lo tanto, no sólo responde lo que el sujeto debe ser cuando crecer, sino que actúa en su constitución.

Palabras clave: Sujeto; Trabajo; Medios de comunicación para los niños; Análisis crítico del discurso.

“WHAT DO YOU WANT TO BE WHEN YOU GROW UP?”: THE SUBJECT REPRESENTATION IN THE CHILDLIKE MEDIA DISCOURSE

ABSTRACT

The title of this paper gives a glimpse about the childlike's anticipation of thinking related to the assignments of an economy-centered world, where the idea of childness ludic/playful became an space to activities/supplies that represents an investment in human capital. In this way, based on the Critical Analysis of the Anglo-Saxon Discourse, we propose the examination of the subject's representation of a series that has gained more space in the children's imagination for more than seven decades: "Thomas and his friends". Revealing that work occupies the conduct of human life (the experience of suffering is associated exclusively with nonwork), the *corpus* analysis, composed of five current and constantly repeated songs on television broadcast to Brazil, also evidences the representation of an ideal subject/worker: productive, disciplined and docile/happy. The brand, therefore, shows what subjects needs to be when they get older but, also, acts in their formations.

Keywords: Subject; Work; Children's media; Critical discourse analysis.

INTRODUÇÃO

“O que você quer ser quando crescer?”: é uma das perguntas mais feitas a uma criança desconhecida. Espera-se uma profissão como resposta; não uma qualidade, um feito, um

conto de humanidade. O reconhecimento social da saída da menoridade está, ordinariamente, associado, nas sociedades ocidentais contemporâneas, ao domínio de um exercício funcional/produtivo legitimado por critérios eficientes. Subjacente ao questionamento coloquial está um imaginário social em que domina lógica de mercado (CASTORIADIS, 2000).

Não obstante, a resposta a pergunta acima evidencia a constituição do sujeito dentro de uma realidade social no qual importa “o que”, não “quem”. Importa como o recurso/instrumento/homem, considerando-se múltiplas combinações de força braçal ao capital intelectual, servirá voluntariamente e de modo dócil, disciplinado e produtivo ao sistema capitalista. O que o homem faz de seus dias, a maneira como se relaciona com a alteridade e os valores de cidadania que carrega, não escapam ao interesse do mundo organizacional, pois está já estabelecido normativamente que seus dias serão para o trabalho, suas relações, primordialmente utilitárias e funcionais, e, seus valores alinhados à sociedade disciplinar/ de controle (FOUCAULT, 2013; DELEUZE, 1992).

Ainda, construída no singular (“o que”) e no tempo presente (“você quer”), a referida pergunta admite uma unidade perene como resposta e implica na antecipação do pensar infantil acerca da sua função futura na cadeia produtiva (“ser quando crescer”), ensaiando, desde então, as noções de previsão, controle e planejamento próprios do enclave do mercado (RAMOS, 1989).

Tal questão, que põe título ao trabalho, ilustra e dá início aos nossos argumentos, é representativa. É na linguagem/discurso, sob a perspectiva lacaniana, que ocorre a entrada da criança na constituição de si enquanto sujeito. Nesse processo de causação subjetiva, para que o sujeito constitua sua identidade, atuam mecanismos inconscientes de identificação com as figuras de seu convívio e discursos sociais a que é exposto (LACAN, 1998). As operações de identificações inconscientes constituem a estrutura narcísica do sujeito, o cimento com o qual constitui sua identidade/subjetividade advém de valores da cultura dominante.

Com a criança colocada em contato prematuro com as expectativas e atribuições de um mundo centrado na economia, vê-se o estreitamento da infância (POSTMAN, 1999) – sua

transformação em um processo técnico preparatório para a engrenagem capitalista. Paulatinamente, o livre/lúdico brincar perde espaço para atividades programadas que representam investimento eficiente em capacitação de capital humano. Desde a mais tenra idade, o sujeito é educado para tornar-se um “ser empregável” (GAULEJAC, 2014). No discurso de dar à criança a oportunidade de crescer “bem preparada” para o mercado de trabalho brinquedos, livros, filmes, desenhos passam a ser pensados estrategicamente para o desenvolvimento de um sujeito/trabalhador-ideal.

A influência da mídia na formação infantil é reconhecida e tem sido estudada mais amplamente na área da educação, da comunicação e da psicologia (relacionados à formação de valores, de gênero, identidade, autoimagem, organização do brincar). Estudiosos do campo disciplinar de organizações também discutem a questão, notadamente, sob a ótica de formação do hábito de consumo e erotização precoce (CAMPOS, VIÉGAS; MIRADA, 2010; BREI; GARCIA; STREHLAU, 2011; PAULA et al., 2014; PASDIORA; BREI, 2014; OLIVEIRA; INCERTI; CASAGRANDE, 2015). Dentre a produção científica concernente ao tema, na área de estudos organizacionais, nos interessa o estudo de Paula et al. (2014, p. 66) intitulado: Desenho também é coisa séria – desvelando o “funcionário padrão” da sociedade capitalista moderna no desenho animado “Bob Esponja Calça Quadrada”. Os resultados da pesquisa apontam para a supervalorização do trabalho na vida dos indivíduos e para a dinâmica “pautada no gerencialismo, que valoriza o alto desempenho e transforma o indivíduo em capital que deve ser produtivo a qualquer custo”.

Não obstante à referida pesquisa, há, na área de estudos organizacionais, uma insipiência nas discussões a respeito do importante impacto da mídia infantil na construção da identidade dos sujeitos. Compreendemos, ainda, que a exposição da criança (sujeito em fase de apreensão do mundo e de si), especificamente, ao desenho animado – cuja forma de expectativa é passiva, de longo prazo e repetida – potencializa a capacidade de modelagem da ideologia subjacente aos discursos em disputa.

Propomos, por esta razão, com base na Análise Crítica do Discurso anglo-saxã, o exame da representação de sujeito de uma série que há mais de sete décadas ganha espaço no

imaginário infantil. Proveniente dos livros *The Railway Series*, criados, em 1945, pelo pastor anglicano Wilbert Awdry, “Thomas e seus amigos” é um desenho exibido desde 1984, atualmente parte da programação televisiva de mais de 130 países. Além das diferentes formas de exposição alcançadas pela obra (que inclui parques temáticos, livros, filmes, brinquedos e jogos físicos e digitais) sua longevidade e abrangência em termos de espaço e público fazem-na um corpus de importância representativa para análise do discurso.

Salientamos, neste estudo, nossa posição denunciativa. Assumimos a linguagem como “o coração mesmo do projeto de submissão do sistema mercantil totalitário” (BRIENT E FUENTES, 2009, p.18). Consideramos que assim como o discurso é um recurso fundamental na disseminação de ideias e progressiva naturalização das crenças é, também, essencial na transformação dos sujeitos (VAN DIJK, 2010) e no processo de mudança social, através da incorporação de novos conceitos (FAIRCLOUGH, 2003).

Diante da contextualização da proposta de trabalho aqui empreendida, passamos à elaboração de discussões relacionadas à constituição do sujeito. Posteriormente versamos a respeito do espaço ocupado pelo trabalho na vida contemporânea. Abordamos, ainda, a Análise Crítica do Discurso anglo-saxã, enquanto método de pesquisa. Realizamos um breve relato histórico da série infantil “Thomas e seus amigos”; seguida da análise da representação de sujeito no corpus da obra. Por fim, apresentamos os resultados da análise e tecemos reflexões a respeito da influência do discurso midiático infantil na constituição do sujeito.

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: IDENTIFICAÇÃO E IDEIAS DE SOCIALIZAÇÃO

A noção de sujeito em psicanálise funda-se na dimensão da alteridade. Nesse sentido, conforme Lacan (1998) e Freud (2011) o sujeito é sempre social. Isso significa dizer que constituímos nosso eu, a partir da relação com o outro. É por meio desse convívio com os sujeitos que nos rodeiam que constituímos nosso psiquismo/subjetividade para falarmos em termos psicanalíticos ou, nossa identidade, para falarmos em termos sociológicos. Cabe esclarecer aqui, que a noção de identidade foge ao campo na psicanálise, para a qual o

conceito constitui-se como uma fantasia humana de completude, sustentando a ilusão de que somos únicos e idênticos àquilo que pensamos ser. Em psicanálise, o termo utilizado para falar sobre a constituição do sujeito é o de identificação. O advento do sujeito em Lacan, assim como anteriormente presente em Freud, relaciona-se a processos psíquicos como identificações e idealizações.

A identificação é um mecanismo psíquico importante para a formação do eu, a constituição de subjetividades, e se constitui também num elemento fundamental para a dinâmica da socialização. Concordamos, nesse sentido, com Safatle (2007), quando afirma que a identificação é o processo social movido pela internalização de modelos ideais de conduta socialmente reconhecidos e encarnados em certos discursos hegemônicos. Isso é possível em função de se configurar como um laço afetivo que permite a formação da subjetividade e a constituição dos grupamentos sociais. De modo mais específico, Freud (2011) defende que a identificação é a forma mais primitiva de uma ligação emocional com outra pessoa, desempenhando importante função na história do sujeito.

Freud (2011) explica que a identificação é, neste sentido, o modo pelo qual o eu constitui sua subjetividade segundo os ideais e valores compartilhados pela sociedade no contexto de seu nascimento e crescimento. Portanto, a identificação é aqui entendida como um processo por meio do qual o sujeito assimila um ou mais traços de outro indivíduo, pensamento, ideias, integrando-os ao eu, modificando-se de acordo com os modelos a sua disposição. Percebemos a identificação, pois, como um conceito que permite pensar a subjetividade se construindo em relação a experiência do sujeito com o exterior e, sobretudo, em relação aos modelos e valores disponíveis na sociedade – entre os quais o discurso da mídia a que os sujeitos são expostos desde o início da formação da subjetividade e contato com o outro.

A importância do processo de identificação para Freud (2011), está na compreensão de que o bebê se torna sujeito reconhecendo-se no, e sendo reconhecido pelo, outro. Um processo, portanto, indissociável da cultura. É a partir da identificação com o outro que o sujeito se projeta. Constitui o seu ideal do eu com base no modelo que apreende do meio

social em que está inserido. O texto freudiano permite, assim, considerar o contexto social como absolutamente relevante para a constituição do sujeito e das instâncias ideais, na medida em que promove normas, valores e modelos historicamente situados.

Assim, as sucessivas identificações, a partir do contato com a alteridade e sua representação por construções discursivas socialmente disponíveis, forçam à realização de infinitas idealizações, das quais herda-se traços que compõem parte da subjetividade. A socialização, a inserção do sujeito na linguagem, na cultura, com os valores morais que carrega o discurso hegemônico a que é exposto, constitui o reservatório de discursos utilizados pelos sujeitos para a construção do ideal do eu que alicerça e incorpora sua subjetividade.

O ESPAÇO DO TRABALHO NA VIDA DO SUJEITO

Discussões concernentes ao trabalho não são recentes e se fazem presentes em diversas áreas do conhecimento científico, todavia, tendem a ser repletas de ambiguidades. Ora aborda-se o trabalho como uma possibilidade de vivenciar felicidade, prazer, como atividade vital e central a vida dos seres humanos. Ora este é compreendido como uma forma de servidão, escravidão, sofrimento e degradação humana. Entre os gregos antigos, Hesíodo (2012, p. 95), em “Os Trabalhos e os dias” realiza uma ode ao trabalho e ao homem trabalhador, e uma crítica ao ócio ou ao não trabalho: “O trabalho não é nenhuma desonra; desonra é não trabalhar”. Para o poeta grego, o trabalho deveria ser vislumbrado como meio de justiça e de minorar ou superar o sofrimento humano.

Com um longo e complexo percurso, o pensamento cristão apresentou controvérsias acerca de como o trabalho devia ser concebido (WEBER, 2013). Para o catolicismo, o trabalho era um martírio resultante da transgressão do ser humano às determinações de seu criador, faz-se aqui alusão ao livro de Gênesis 3:19 “(...) com o suor de teu rosto comerás o teu pão (...)”, necessário para a manutenção do indivíduo e da comunidade. Nessa perspectiva, o enriquecimento pessoal sem um fim era considerado condenável (WEBER, 2013).

A reforma protestante, trouxe à luz discussões acerca das atividades de trabalho serem relacionadas a uma ideia de vocação por intermédio de Martinho Lutero. Para este reformador, quanto mais indivíduos buscassem aceitar e realizar suas tarefas profissionais como um chamado de Deus (vocação), mais suscetíveis de salvação estariam. Os protestantes ascéticos sucessores de Martinho Lutero, de maneira especial, os calvinistas, enfatizaram ainda mais a ideia de vocação na profissão como um chamado de Deus. Conforme a doutrina calvinista, de maneira contrária ao catolicismo, todos os seres humanos estão predestinados tanto a salvação quanto a condenação. Nesse caso, não é possível ao homem ser salvo por obras, cabendo unicamente a Deus, definir quem será salvo ou não (WEBER, 2013).

Na perspectiva calvinista, a prosperidade econômica, por intermédio do trabalho, era considerada um dos sinais da predestinação a salvação, o trabalho é a finalidade da vida, conforme ordenado por Deus, e a indisposição para trabalhar, sintoma de falta de graça: “Nem de graça comemos o pão de homem algum, mas com trabalho e fadiga, trabalhando noite e dia (...) se alguém não quiser trabalhar, não coma também” Tessalonicenses 3:8-10. Assim, estimulava-se que os sujeitos possuíssem uma profissão demarcada e regular, e que mantivessem uma forma de vida baseada em um caráter, metódico, sistemático e racional. Enquanto propósito da vida de trabalho, Weber (2013, p.76) observou, em suas pesquisas sobre a ética protestante, o seguinte intuito: “trabalhar a serviço de uma organização racional para a provisão de bens materiais à humanidade”.

Segundo Weber (2013), a moral protestante, na qual a valorização do trabalho e da riqueza conduz a salvação, tende a engendrar um sujeito de personalidade sistemática e metódica. Todavia, para tal feito, a formação educacional protestante, alocada em uma perspectiva técnica, ocupa um papel relevante. Apesar de sua proximidade com o catolicismo em termos de doutrina e organização hierárquica, o anglicanismo sofreu influências da reforma protestante ao incentivar a valorização do trabalho como elemento edificante, de ascensão social e dignificação humana. Como ressalta Guedes (2010), ele incorporou, nesta perspectiva, a preparação profissional no sistema educacional sob sua doutrina.

O tempo de não trabalho – o lúdico, o lazer, o prazer – foi historicamente condenado como afastamento do homem do caminho de Deus. Na contemporaneidade, ainda se promove o trabalho em detrimento ao ócio e predomina uma concepção de trabalho pautada em critérios utilitários. Conforme Sell (2013), tal conjuntura pode ser relacionada ao processo de racionalização, desencantamento do mundo e secularização. Diante desses processos, as formas de organização social e política capitalistas ocidentais não retiram mais a sua validade em uma visão religiosa e a crença fundada na religião desloca-se gradualmente para a crença na razão. A racionalidade referente aos meios passa orientar, neste cenário, a ação humana. Se na reforma protestante, “o puritanismo, fez do trabalho um meio de busca para a salvação, a racionalidade inerente ao mundo industrial moderno fez do trabalho uma atividade cujo fim é ele mesmo” (SELL, 2013, p. 138-139). O trabalho, permanece, assim, motivo primeiro da existência humana.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, a predominância do paradigma racionalista/utilitarista transformou a noção de sociedade em uma máquina a serviço da produção e o homem em um instrumento a serviço do capital. Para tanto, o ser humano deve investir constantemente em sua formação para garantir sua empregabilidade, considerando-se que as sociedades se tornaram vastas empresas que integram aqueles que lhes são úteis e rejeitam os demais. A família tornou-se uma pequena empresa e os pais passaram a investir em seus filhos como se fossem um capital que convém valorizar, aplicando em sua educação uma lógica de gestão de pessoas. Assim, desde a infância, como afirma Gaulejac (2014), cada sujeito passou a ser educado com um objetivo, a saber: tornar-se um ser empregável.

Gaulejac (2014) refere que a perpetuação de tal ideologia implica na inversão na relação social e econômica. Para ser aceito socialmente como sujeito, convém interiorizar os valores do mundo econômico. Circunstância em que a vida passa a ser observada como um plano de carreira e onde tudo, desde os primeiros anos de vida dos sujeitos, deve ser colocado a serviço da construção de humanos empregáveis. Espera-se e busca-se incessantemente que os sujeitos se impliquem subjetiva e afetivamente com tal lógica. Propaga-se o trabalho como sinônimo de identidade, em uma lógica perversa e repleta de efeitos deletérios aos referidos

sujeitos.

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO ENQUANTO MÉTODO

A Análise Crítica do Discurso (ACD) de Norman Fairclough (2001a, 2001b) sustenta uma teorização complexa sobre a relação entre discurso e estruturas sociais com um amplo suporte teórico das ciências sociais: de Antonio Gramsci, apropria-se da noção de hegemonia; do sociólogo Anthony Giddens, recorre à noção de estrutura social; de Mikhail Bakhtin, busca as teorizações de intertextualidade; de Michel Foucault se inspira sobre o conceito de discurso; de Jürgen Habermas, trabalha a ideia de colonização pelos discursos; entre outros (FAIRCLOUGH, 2001a, p.22).

A perspectiva ontológica da ACD fundamenta-se no Realismo Crítico (FAIRCLOUGH, 2001a), que defende a distinção entre o ‘potencial’, o ‘realizado’ e o ‘empírico’. Assim, tanto eventos sociais concretos como estruturas abstratas – incluindo-se, as práticas sociais – são entendidas como elementos da realidade. A realidade não pode ser reduzida ao nosso conhecimento sobre ela, que é contingente e parcial (RESENDE, 2009; SALLES, 2014). O Realismo Crítico pressupõe que a realidade seja mutável, ou seja, que a conjunção de certas condições em um dado contexto dê origem a novos processos, imprimindo uma concepção de transformação da atividade social. Esse princípio deu origem ao Modelo Transformacional da Atividade Social elaborado por Bhaskar (1998) que defende que, apesar das restrições e constrangimentos que as atividades sofrem pelas estruturas, a restrição é sempre parcial e, portanto, sempre há possibilidades para a mudança social. Para conservar o poder, as práticas sociais que o sustentam precisam constantemente reafirmar suas posições hegemônicas (SALLES, 2014).

Neste aspecto, o conceito de hegemonia de Gramsci (2007) fornece uma importante consistência teórica à ACD. Entendida como a relação de dominação ideológica, baseada no consentimento, que naturaliza práticas e relações através da manutenção de articulações entre elementos sociais; a hegemonia traz uma perspectiva inerente de possibilidade de

desarticulação e rearticulação desses mesmos elementos sociais para a transformação das relações de dominação. A luta hegemônica pode ser percebida como disputa pela criação/sustentação de um status universal para determinadas representações particulares – do mundo material, mental e social. Sendo o consenso imprescindível à hegemonia, o discurso configura elemento essencial para sustentação de relações de dominação através da naturalização de representações particulares (FAIRCLOUGH, 2001a, THOMPSON, 2002).

A análise do discurso implica no movimento entre três dimensões: evento social, prática social e estrutura social (FAIRCLOUGH, 2001a, 2003). Fairclough (2001a) reconhece quatro funções textuais simultâneas: a função representacional ou ideacional, que envolve a construção de sistemas de conhecimento e crença por meio da representação de mundo do locutor; a função identificacional, que contribui para a formação da auto-identidade e identidades coletivas; e, a função acional, que incorpora a função relacional e textual - escolhas léxico-gramaticais na organização das informações e elaboração da escrita/fala de acordo com o significado atribuído. O significado representacional, com o qual trabalharemos relaciona-se ao conceito mais concreto de discurso; que será objeto de análise neste estudo. O poder do discurso em representar aspectos do mundo material – processos, relações, estruturas – e mental – pensamentos, crenças, sentimentos –, permite a identificação da ideologia subjacente ao texto através de sua análise.

As análises discursivas para descrição e interpretação do fenômeno estudado serão textualmente orientadas através da busca de evidências linguísticas – escolhas lexicais, transitividade, recontextualização dos eventos, relação semântica entre palavras, nominalizações, etc. – para explicações sociais do fenômeno. O caráter interpretativo pressupõe, de acordo com Godoy (1995), uma atividade reflexiva por parte do pesquisador, que resulta de um processo de movimento entre os dados e o nível conceitual. A análise textual será explorada a partir da ACD em seu significado representacional, capaz de revelar através do discurso as representações de mundo do locutor, permitindo a identificação da ideologia subjacente ao texto através de sua análise; que poderá denunciar tanto o reforço e

naturalização da prática ideológica dominante como resistência contra a hegemonia (FAIRCLOUGH, 2001a).

Em se tratando da ACD, a interdiscursividade é uma importante categoria de análise representacional das relações externas dos textos, por identificar no discurso uma relação dialógica: harmônica ou polêmica com outros discursos. Outra importante categoria para análise é a representação de eventos sociais, que implica em examinar a forma como determinado processo é representado no contexto de outro evento – no caso desta análise, o texto. Neste processo, identifica-se de que maneira os elementos de um evento social são seletivamente filtrados e incorporados noutro, o que determina a forma como são representados. A recontextualização também afeta, portanto, na maneira como atores sociais são representados, revelando posicionamentos ideológicos em relação a eles e suas atividades (FAIRCLOUGH, 2003).

Ainda, a identificação do que o enunciante representa como desejável, importante, relevante, pode se estender analiticamente para a categoria linguística que Fairclough (2003) denomina avaliação. As afirmações avaliativas são marcadores textuais desta modalidade que podem explicitar processos relacionais atributivos ou um adjetivo avaliativo. Embora a modalidade e a avaliação sejam categorias tipicamente adotadas na análise da dimensão identificacional, sua exploração possibilita a extração de importantes informações sobre a representação de determinado fenômeno, a partir da premissa que a identidade do locutor está relacionada à forma como se relaciona com o mundo e as pessoas (FAIRCLOUGH, 2003).

Identificar a partir de quais aspectos da realidade social, e de quais perspectivas, um fenômeno é representado num texto, implica, em primeira instância, em recorrer à análise do vocabulário, a partir do entendimento que modos particulares de visualizar e representar o mundo decorrem de diferentes maneiras de lexicalizá-los (FAIRCLOUGH, 2003). Assim, a análise lexical contribui, ainda, para identificar o modo como os argumentos são desenvolvidos e legitimados no texto. Fairclough (2003) indica quatro maneiras de legitimação: (1) autorização: referência à autoridade da tradição, costume, leis e de pessoas com autoridade institucional; (2) racionalização: referência à utilidade da ação

institucionalizada e ao conhecimento para conferir validade cognitiva; (3) avaliação moral: referência ao sistema de valores; e (4) mitopoiesi: referência a depoimentos/narrativas convincentes.

Foram consideradas na análise textual a utilização de estratégias típicas de construção simbólica que, segundo Thompson (2002), representam modos de operação da ideologia e manutenção das relações de poder:

Quadro 1: Modos de operação da ideologia

	Estratégias típicas de construção simbólica
Legitimação	<ul style="list-style-type: none"> ● Racionalização - raciocínio que procura justificar um conjunto de relações; Universalização - interesses específicos apresentados como gerais;
	<ul style="list-style-type: none"> ● Narrativização - histórias do passado utilizadas para legitimar o presente.
Dissimulação	<ul style="list-style-type: none"> ● Deslocamento - deslocamento contextual de termos e expressões; Eufemização - valoração positiva de instituições, ações ou relações;
	<ul style="list-style-type: none"> ● Tropo - sinédoque, metonímia, metáfora.
Unificação	<ul style="list-style-type: none"> ● Estandarização - referencial padrão como fundamento partilhado; ● Simbolização da unidade - símbolos de unidade e identificação coletiva.
Fragmentação	<ul style="list-style-type: none"> ● Diferenciação - qualificação que desune; ● Expurgo do outro - construção simbólica de um inimigo.
Reificação	<ul style="list-style-type: none"> ● Naturalização - criação social/histórica como acontecimento natural; ● Eternalização - fenômenos sócio-históricos como permanentes; ● Nominalização/Passivização - concentração da atenção em certos temas em prejuízo de outros, silenciamento de atores e ações;

Fonte: Adaptado de Thompson (2002)

Em síntese, além dos modos de operação da ideologia, de Thompson (2002), foram utilizadas na análise as categorias analítico-discursivas de Fairclough (2003): interdiscursividade, análise lexical, transitividade, intertextualidade, avaliação, modalidade, relação semântica, temporalidade e vocabulário. Para tanto, incorporamos, ao longo da análise, novas explicações sobre a operacionalização das categorias.

O CASO DE THOMAS

A História de “Thomas e seus amigos” iniciou em 1917, em Wiltshire, Inglaterra, quando Wilbert Awdry, ainda criança, ouvia de seu quarto locomotivas a vapor passarem na Great Western Railway e as imaginava conversando entre si. Transcorridos alguns anos, Awdry tornou-se reverendo e, após o nascimento de seu primeiro filho, começou a criar histórias sobre locomotivas a vapor para contar-lhe. As histórias foram contadas oralmente até que o seu filho, Christopher, incentivou o reverendo a registrá-las em papel e sua esposa, Margaret, ofereceu os escritos ao editor Edmund Ward. Publicou-se, assim, em 1945, o primeiro livro *The Three Railway Engines* que conta as aventuras de Edward, Gordon e Henry Thomas (GULLANE LIMITED, 2018).

O reverendo W. Awdry criou um cenário fictício para as histórias, a Ilha de Sodor, e seguiu escrevendo um novo livro a cada ano até sua vigésima sexta e última história. Quando Christopher Awdry sucedeu o pai e publicou, em 1983, *Really Useful Engines – Locomotivas Muito Úteis*. Christopher Awdry publicou outros 13 livros da série Thomas. Pouco tempo depois, Britt Allcroft, uma produtora televisiva que filmava um documentário sobre ferrovias a vapor preservadas, resgatou os livros que lia na infância e inspirou-se a filmá-los. Assim, “Thomas e seus amigos” foi ao ar no canal britânico ITV pela primeira vez em outubro de 1984 (GULLANE LIMITED, 2018).

Em 1989 a série passou a ser transmitida nos Estados Unidos pela rede de televisão Public Broadcasting Service (PBS), e no Canadá, pelo canal de televisão a cabo YTV. Em 1991, iniciou a transmissão da referida série no Japão, em 1997, na Alemanha, e, atualmente, a

mesma é transmitida em 130 países por todo o mundo. No ano 2000, foi lançado o longametrage: Thomas and the Magic Railroad – Thomas e a Ferrovia Mágica.

Decorridas mais de sete décadas, Thomas tem entretido uma terceira geração de crianças com a nova série Thomas & Friends – “Thomas e seus amigos” – da HIT Entertainment. Com parques temáticos e eventos no Canadá, Estados Unidos, Reino Unido, China e Japão, as histórias do reverendo ganharam notoriedade e seguem influenciando gerações. No Brasil, a série esteve na programação da Rede Manchete, TV Brasil, SBT, TV Cultura e Discovery Kids Brasil. Em 2012 a marca “Thomas e seus amigos” foi comprada pela Mattel e tornou-se uma das cinco principais marcas da empresa. Em 2013 o desenho infantil ganhou espaço diário no canal PBS Kids alcançando mais de 110 milhões de casas norte americanas (GULLANE LIMITED, 2018).

Além das diversas estratégias de comercialização alcançadas pela série – de livros, filmes, brinquedos e jogos online a parques temáticos –, a abrangência alcançada em termos de espaço e público e sua manutenção incomum ao longo do tempo fazem de “Thomas e seus amigos” um importante e representativo corpus para a análise crítica do discurso da mídia infantil. Importa-nos identificar, neste sentido, a ideologia subjacente à obra, mais especificamente a qual ideal de eu compromete-se em discurso, provocando identificações e influenciando na constituição dos sujeitos a que a ela estão expostos. Partimos da ideia de que o discurso tem o poder de constituir práticas sociais e nossa afirmação ganha potência quando se trata de um discurso veiculado repetidas vezes em mídia aberta para sujeitos em fase de apreensão do mundo, do outro e de si, construção de consciência, como é o caso do público alvo da série “Thomas e seus amigos”: sujeitos em primeira infância.

A ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO DA SÉRIE ANIMADA “THOMAS E SEUS AMIGOS”

Conforme relatamos anteriormente, o exame crítico discursivo da obra foi suportado pelas categorias analíticas desenvolvidas por Fairclough (2003) e pelas estratégias típicas de

construção ideológica de Thompson – marcamos em negrito no texto os termos analíticos dos referidos autores para facilitar a identificação do leitor.

Constituem o corpus textual da análise crítica discursiva cinco músicas atuais da série infantil televisiva: a) Música de Abertura; b) Click e Clack; c) O que alegra uma Locomotiva; d) Sir Topham Hatt; e) Estamos indo, estamos chegando. Acreditamos que as músicas da série ganham força em representação discursiva não apenas pela repetição em diferentes episódios ou apelo melódico, mas por apresentarem/caracterizarem os personagens da história aos quais as crianças, enquanto sujeitos em formação, criam identificação.

a) São dois, são quatro, são seis, são oito; Vermelha, verde, marrom e azul; **Puxam cargas, empurram vagões; É uma equipe de campeões; Todos têm uma função; Trabalhando na estação; Enfrentando os perigos;** Thomas e seus amigos; Thomas, é o bochechudo; James, é muito divertido; **Percy, entrega a cartinha; Gordon, chacoalha pela linha; Emily, sabe o que faz; Henry, o que apita mais; Edward, ajuda de bom grado;** Toby, digamos é quadrado (Música de abertura).

A música de abertura (a) é de especial importância para a análise da representação do sujeito no discurso da série. O momento textual no exame da categoria analítica avaliação permite a identificação do que o enunciante representa como desejável, importante, relevante (FAIRCLOUGH, 2003). A exibição ao início e ao final de todos os episódios veiculados (o momento textual) revelam sua importância na ordem do discurso.

A música inicia apresentando os personagens da série e em seguida os qualifica, enquanto atores sociais (representação de atores sociais), através de processos materiais (ações realizadas no mundo físico) fortemente associados a identidade de trabalhador, como se verá ao longo da análise proposta (análise da transitividade): "Percy, entrega a cartinha; Gordon, chacoalha pela linha; Emily, sabe o que faz; Henry, o que apita mais". A utilização da transitividade como recurso discursivo (FAIRCLOUGH, 2003), nos possibilita apontar para o comprometimento do enunciante com uma dada visão de mundo que, no caso da série, fundamenta-se na ascensão do trabalho enquanto categoria importante na constituição subjetiva de corpos dóceis e úteis às tarefas produtivas (FOUCAULT, 2013; GAULEJAC, 2014).

Mais especificamente um sujeito adaptado ao universo produtivo operacional ordenado pela divisão e racionalização das atividades laborais.

Conforme explicitamos na citação anterior, quatro, dos oito personagens da série, são representados através de ações operacionais relacionadas (transitividade), em todos os casos, ao cumprimento de uma única tarefa demarcada, regular e sistemática. Ao retomarmos Weber (2013), podemos vislumbrar em tais atividades uma aproximação com uma concepção de trabalho, pautada em critérios racionais e utilitários, relacionada com o ethos capitalista. Outros dois personagens são associados a um estado positivo de humor e disposição (avaliação): “Edward, ajuda de bom grado; James, é muito divertido”.

A associação dos personagens/trabalhadores com um estado positivo de humor é recorrente na obra e revela a representação de um modelo de trabalhador ideal, contribuindo para a constituição egóica infantil conectando o Eu Ideal como trabalhador ideal (avaliação e modalidade – que evidencia o posicionamento explícito do locutor em alto grau de engajamento) feliz, disposto e implicado com tal lógica, de maneira subjetiva e afetiva (recorrente na obra em outros momentos textuais) (GAULEJAC, 2014). Dois deles por uma característica física de diferenciação para que o público infantil os reconheça: “Thomas, é o bochechudo; Toby, digamos é quadrado”.

Embora haja uma clara diferenciação de tarefas, a representação através da função produtiva os une – unificação por símbolo de identificação coletiva (THOMPSON, 2002): “Puxam cargas, empurram vagões; É uma equipe de campeões”. Através do uso da metáfora campeões – estratégia típica de construção simbólica por dissimulação (THOMPSON, 2002) –, o enunciante associa o trabalho à conquista de sucesso (análise da escolha semântica). Essa conexão subliminar entre trabalho e sucesso transfigura as relações de mercado alçando-a como modelo que deve ser seguido pelo sujeito em formação - as crianças. Nesse sentido, podemos inferir que essa relação sustenta um ethos voltado a valorização exacerbada do trabalho, a ponto de ficar implícito, nos valores sociais, que um homem/mulher de sucesso deve necessariamente ocupar um posto de trabalho. Mais enfaticamente, está atrelada

restrita e exaustivamente à atividade produtiva a possibilidade de completude e realização pessoal do sujeito.

Gaulejac (2014) refere que a perpetuação de tal ideologia implica na inversão na relação social e econômica. Diante de tal lógica, para ser aceito socialmente como sujeito, convém interiorizar os valores do mundo econômico. Circunstância em que a vida passa a ser observada como um plano de carreira e onde tudo, desde os primeiros anos de vida dos sujeitos, deve ser colocado a serviço da construção de humanos empregáveis.

Outro aspecto interessante é o recurso afetivo à serviço da manutenção do trabalho enquanto constituinte das demais relações estabelecidas pelos sujeitos (GAULEJAC, 2014). No título da série – “Thomas e seus amigos” –, a amizade parece deslocada do contexto produtivo em que se insere o desenho – dissimulação/deslocamento, estratégia típica de construção simbólica (THOMPSON, 2002). Contudo, não foi possível identificar no corpus de análise qualquer outra passagem que faça referência a eventos ou vínculos pessoais. As relações entre os personagens estão nos episódios da série, circunscritas à ajuda mútua vinculada, invariavelmente, a um problema ou desafio na realização de alguma tarefa operacional. A amizade, enquanto vínculo afetivo ou mesmo expressão semântica, não pode ser evidenciada no corpus analisado; parece ser substituída pela expressão “equipe”, que representa um vínculo relacional intencional, funcional, planejado, ordenado e produtivo, distanciado das relações de amizade/afetivas/fraternais.

b) Fazendo click clack; Soltando fumaça; **Assim o dia inteiro**; Ele vai; Puxando e empurrando; De tudo transportando; A rodar; **Trabalhar até o sol se por**; Empurrar os vagões de carga; Click e clack é o barulho que faz; **Nunca olha para trás**; Correndo e viajando; Manobrando e empurrando; Ele vai; Fumegando e fervendo; Assobiando e apitando; Escorregando e deslizando; Ele vai; **Trabalhar até o sol se por**; Empurrar os vagões de carga; Click e clack é o barulho que faz; Nunca olha para trás; Um chiado na caldeira; Pode ser o diesel; Todos crepitando; Eles vão; Todos reunidos; **Do calor ao frio**; **Todos juntos sempre** [...] (Click e Clack).

O exame da transitividade na música Click, Clarck (b) reforça o comprometimento do enunciante com o cumprimento de tarefas operacionais produtivas: “Soltando fumaça; Puxando e empurrando; De tudo transportando; Empurrar os vagões de carga; Correndo e viajando; Manobrando e empurrando; Fumegando e fervendo; Assobiando e apitando; Escorregando e deslizando; Empurrar os vagões de carga”. O que, no entanto, diferencia este excerto é a defesa (avaliação positiva) repetida, entre as descrições de tarefas, da ideia de trabalho prolongado e ininterrupto e alienado: “Assim o dia inteiro; Ele vai; A rodar; Trabalhar até o sol se por; Nunca olha para trás; Do calor ao frio”.

O título da música (Click, Clarck) refere-se ao som do trabalho: “Click e clack é o barulho que faz”. A onomatopeia remete à rotina, ao ritmo de trabalho sequencial da atividade repetida. A expressão “nunca olha para trás”, complementada por “do calor ao frio” reforça a ideia de ritmo de esteira (produção em massa), da necessidade de continuação ininterrupta da atividade produtiva não importa o que aconteça ou sinta (do calor ao frio). Mas, mais do que isso a sentença “nunca olha para trás” pode ser entendida como analogia para a ideia de não (ou melhor, nunca) – modalidade (FAIRCLOUGH, 2003) – parar para pensar, não refletir, não avaliar a própria experiência: uma reverência à alienação do trabalhador, uma das principais implicações do modo de produção capitalista denunciadas por Marx (2004; 2011).

Ressaltamos que a promoção do trabalho em detrimento do não trabalho, vislumbrada nos dias de Hesíodo (2012) e reforçada pela moral protestante e anglicanismo, encontra respaldo nas sociedades capitalistas contemporâneas. Todavia, em tais sociedades, as formas de organização social e política capitalistas ocidentais não retiram mais a sua validade em uma visão religiosa e a religião passou a ser gradualmente substituída por uma pretensa razão. Em tal cenário, a racionalidade referente aos meios tomou conta da existência humana e o trabalho passou a ser observado como uma atividade cujo fim é ela mesma (SELL, 2015). Diante da predominância do paradigma utilitarista e da sociedade disciplinar estudada por Foucault (2013), observa-se a transformação das noções de sociedades como máquinas a serviço da produção e do sujeito como um corpo dócil e útil a serviço da mesma, tendo essa

inculcação presente em sua vida desde a mais tenra idade como é o caso do público alvo das séries de desenho animado “Thomas e seus amigos”.

Novamente, a unificação por identificação coletiva é notada como estratégia de construção simbólica e reforço do discurso ideológico: “Todos reunidos; Todos juntos sempre” (modalidade).

c) **O que alegra uma locomotiva?**; E o que a deixa triste?; Depende do que aconteceu; E de como foi o seu dia; [...] **Ser útil simplesmente faz seu dia bem contente**; [...] O que alegra uma locomotiva?; Não a deixe ficar triste; Muitas coisas podem fazer seu dia ser bom; Ou ser ruim; **Ficar sem água, isso sim; Vai deixá-la muito triste; Enguiçar ou se atrasar; Vai deixá-la mais triste ainda; Ficar parado na colina; Chateia Sir Topham Hatt** (O que alegra uma Locomotiva).

O excerto textual (O que alegra uma Locomotiva?) relaciona positivamente rendimento/utilidade à felicidade/realização do trabalhador: “Ser útil simplesmente faz seu dia bem contente”. Ocorrências que provoquem a queda produtiva serão (temporalidade) motivo de tristeza/sofrimento: “Ficar parado na colina; Ficar sem água, isso sim, vai deixá-la muito triste. Enguiçar ou se atrasar; Vai deixá-la mais triste ainda”. Essa passagem, nos mostra a força dos valores da ética utilitarista que constroem, juntamente com os valores do capitalismo econômico, as bases da sociedade moderna (GAULEJAC, 2014). Lemas como felicidade e utilidade fazem parte do discurso político e econômico das sociedades contemporâneas e ajudam a produzir sujeitos marcados por esses valores e que constituem sua subjetividade e Ideal do Eu vinculados a promessa de sucesso prometidos pelo ethos do trabalho e pelo discurso econômico reproduzidos pelas instituições sociais (LACAN, 1998; GAULEJAC, 2014).

A escolha do tempo verbal futuro é característica de informação de aviso ou prescrição: “Não a deixe ficar triste” – A modalidade deôntica (normativa), evidencia o posicionamento explícito do locutor, em alto grau de engajamento em relação à proposição. A

modalidade normativa ganha potência a partir da previsão da punição externa simbólica por seu não cumprimento. Recorrendo à categoria da relação semântica no trecho pode-se identificar o tipo de associação estabelecida (encadeamento lógico) entre as ideias postas (FAIRCLOUGH, 2003). Identificamos, a partir desta categoria, a associação do sofrimento do trabalhador, em situação de interrupção/diminuição da performance, ao controle hierárquico simbólico (desagrado do chefe/patrão - Sir Topham Hatt): “Ficar parado na colina; Chateia Sir Topham Hatt”.

d) Oh sim!; Ele é **grande** (ele é grande); **Bondoso** (bondoso); Atende pelo nome, sir topham hatt; Ninguém (ninguém); Vai negar (vai negar); Que **nele pode confiar**; Vamos cantar então (vamos cantar então); Sir topham hatt song (sir topham hatt song); Vamos cantar então (vamos cantar então); Sir topham hatt song (sir topham hatt song); Atenção (atenção); **É um pai** (é um pai); Ele **está no comando, ele está mandando**; Olho vivo (olho vivo); **Elegante** (elegante); Vamos cantar então (vamos cantar então); Sir topham hatt (sir topham hatt); Vamos cantar então (vamos cantar então); Sir topham hatt song (sir topham hatt song); Thomas, percy, henry e o gordon; Edward, toby, emily, james; A empurrar, a puxar, a sir topham hatt; **Todos vão amar**; **Prestativo** (prestativo); **Cuidadoso** (cuidadoso); **Firme, preciso, ele é precioso**; É ele (é ele); Quem manda (quem manda); Com o **coração que a todos encanta** (Sir Topham Hatt).

A importância do controle hierárquico volta a ser evidenciado no excerto “d”: “Ele é grande (ele é grande); Bondoso (bondoso), Que nele pode confiar; É um pai (é um pai), Elegante (elegante); Prestativo (prestativo); Cuidadoso (cuidadoso); Firme, preciso, ele é precioso”. Os trechos evidenciam uma representação virtuosa quase heróica do superior hierárquico, caracterizado como um ser paterno, grande, bondoso, confiável, elegante, prestativo, cuidadoso, firme, preciso e generoso. Suas virtudes são inquestionáveis: “Ninguém (ninguém); Vai negar (vai negar)”. A modalidade (ninguém) e a temporalidade futura (vai) (FAIRCLOUGH, 2003), reforçam o caráter incontestado da hierarquia e virtudes diferenciadas da figura superior.

“Ele está no comando, ele está mandando; Olho vivo (olho vivo); É ele (é ele); Quem manda (quem manda)”. Com isso, o poder de mando e controle é reforçado (exame da

transitividade e temporalidade). Além da longa lista de virtudes, do reforço do poder de mando, da negação a qualquer forma de contestação, o nome do chefe é exaltado/reverenciado na música (quase um mantra): “Vamos cantar então (vamos cantar então); Sir topham hatt song (sir topham hatt song); Vamos cantar então (vamos cantar então); Sir topham hatt song (sir topham hatt song)”.

Outro elemento de especial importância no extrato textual é a sugestão (modalidade deôntica) de uma relação de submissão marcada pela dependência e pelo afeto à figura de autoridade descrita como “um pai; com o coração que a todos encanta; que todos vão amar”. Identificamos o uso do tropo (metáfora) e de deslocamento contextual de termos - duas das estratégias típicas de construção simbólica elencadas por Thompson (2002).

e) Hey, hey, thomas; Andando por aí; Dobrando as montanhas; Arrasando pelos trilhos; É muito bom te ver; **Trabalhando tão contente**; E logo você voltará para a gente; Estamos indo, estamos chegando; Te vejo na estação; E todo mundo cantando; **Trabalhando, assim todo dia**; Hey, hey, thomas; **Você faz com alegria**; Kevin e victor fazem os reparos; Na oficina **são todos por um**; **Sempre se dá bem**; **Esse time do vapor**; **No trabalho, cada um tem seu valor**; Estamos indo, estamos chegando; Te vejo na estação; E todo mundo cantando; **Trabalhando, assim todo dia**; Hey, hey, thomas; **Você faz com alegria**; Todas as locomotivas; **Sem atraso** (Estamos indo, estamos chegando).

O último extrato selecionado como corpus corrobora as evidências textuais representativas dos excertos anteriores. Este excerto estabelece, resgata e reforça, uma relação direta e positiva entre utilidade/trabalho e felicidade, assim como no trecho “a” e “d”: “É muito bom te ver; Trabalhando tão contente. [...] Você faz com alegria”. A representação do trabalho como símbolo unificador e gregário volta a ser exaltada – como nas passagens “a” e “b”: “Na oficina são todos por um”. E, assim como no trecho “a”, a metáfora do jogo volta a ser utilizada, para vincular o trabalho à ideia de sucesso/ganho: “Sempre se dá bem, esse time do vapor”.

Ainda, assim como no trecho “b”, pode ser percebido alto nível de comprometimento com a ideia de trabalho prolongado e ininterrupto: “Trabalhando, assim todo dia”. O controle do ritmo produtivo é exaltado, novamente (como na música “c”), em tom normativo (modalidade) em um momento textual (final) que denota importância da sentença: “Sem atraso”. Há também, na música, uma avaliação positiva do trabalho como parâmetro de reconhecimento social: “No trabalho, cada um tem seu valor”. A sentença remete, claramente, à diferenciação de tarefas (assim como no excerto “a”) enquanto diferencial de valor social e identidade.

Por fim, a análise da intertextualidade no corpus selecionado (identificação de correspondências ou contrapontos propositivos em diferentes momentos textuais) (FAIRCLOUGH, 2003) demonstra coesão e alto grau de engajamento explícito do discurso (modalidade) com as proposições de visão de mundo que carrega e difunde um discurso idealizado do sujeito fortemente associado à ideia de trabalhador (do que em sua avaliação como importante, desejável, relevante).

RESULTADOS DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DA SÉRIE E REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DA MÍDIA INFANTIL NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

A partir de uma premissa da marcante influência exercida pelo discurso da mídia na constituição do Ideal de Eu, especialmente na primeira infância, interessou-nos a análise da representação de sujeito de “Thomas e seus amigos”: obra que alcança incomum abrangência em termos de tempo, espaço e público. Selecionamos como corpus textual da análise crítica discursiva cinco músicas atuais da série infantil televisiva por acreditarmos no ganho de força representativo-discursiva pela exibição repetida, apelo melódico e, especialmente, por caracterizarem os personagens aos quais as crianças criam identificações.

Utilizamos, para a análise da representação de sujeito no corpus selecionado as categorias discursivas da Fairclough (2001a, 2003): interdiscursividade, representação de

eventos sociais, análise lexical, transitividade, intertextualidade, avaliação, modalidade, relação semântica, temporalidade e vocabulário. Suportaram, ainda, a análise, os modos de operação ideológica de Thompson (2002), através da identificação textual de estratégias típicas de construção simbólica (legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação).

Evidenciamos uma representação de sujeito-trabalhador-ideal foucaultiano relacionado ao poder disciplinar, cuja ideia de trabalho a ele associada, é aquela associada ao exercício de uma profissão demarcada, regular e sistemática, que se encontra cada vez mais restrita em tempos de acumulação flexível. Bem-humorado, disposto, dedicado, agradecido e disciplinado; valorizado, reconhecido, realizado e feliz: sempre e apenas enquanto trabalha. E o deve fazer em tempo integral, sem em momento algum, refletir sobre sua condição de submissão – “Trabalhar até o sol se pôr [...] nunca olhar para trás” – ou questionar (“ninguém vai negar”) a autoridade máxima e benigna com que foi agraciado, representada na figura de um homem descrito como: “grande; olho vivo; que manda; comanda; bondoso; firme; preciso; precioso; um pai; que todos vão amar”.

Nesse sentido, pode-se inferir que a análise aqui proposta anuncia e denuncia a evidência contundente de que a representação de sujeito no discurso da série animada “Thomas e seus amigos”, (con)funde-se com a imagem de trabalhador ideal. A conduta proposta, exaltada, esperada e normatizada de sujeito o conduz a sustentar um corpo útil e dócil ao trabalho, e, portanto, a manutenção da sociedade como uma máquina (locomotiva) produtiva: “Ser útil simplesmente faz seu dia bem contente”. O sujeito/homem ideal, portanto, é aquele que conduz sua vida pelo e para o trabalho (FOUCAULT, 2013; GAULEJAC, 2014).

Ressalta-se, ainda, que não apenas as presenças textuais carregam o discurso de sentido, mas as não existências, são parte fundamental das estratégias de construção simbólica. Apenas valores positivos são associados ao trabalho, não há qualquer referência no corpus analisado à vivência de sofrimento no trabalho (DEJOURS, 2012) enquanto se mantém os níveis impostos de performance. A referência, no corpus analisado, à vivência de

sofrimento está associada exclusiva e marcadamente ao não-trabalho ou a ausência de um trabalho associado ao exercício de uma profissão demarcada, regular e sistemática, tal como concebido pelo anglicanismo.

Ainda, não obstante ao título da série “Thomas e seus amigos”, não identificamos no enredo da obra e na análise empreendida qualquer alusão há situações, relações, questões ou atividades de cunho genuinamente íntimo/pessoal/social. O trabalho ocupa, assim, a condução da vida humana além dos valores, tempo e espaço, também o afeto. O lugar das relações afetivas, como amizade e paternidade, foi ocupado, na série infantil, pelo círculo produtivo em que estão inseridos.

A longevidade da obra aqui analisada ilustra a permanência da condição humana. As tarefas (já nem sempre prescritas) e formas de controle (nem sempre físico) são alteradas pelas novas configurações tecnológicas do mercado, mas o discurso do sujeito/homem ideal vinculado ao de trabalhador, útil e feliz perdura no tempo. O discurso da obra infantil, não inova: contribui para a manutenção da ordem social vigente. Não apenas responde o que (ou como) o sujeito deve ser quando crescer, mas também o constitui à semelhança dos valores que cultiva o mundo ocidental moderno centrado no mercado.

Realizamos tais afirmações a partir da compreensão de que o público exposto ao discurso enunciado pela obra infantil é composto de sujeitos em fase de apreensão de valores e senso crítico, e de que a constituição de subjetividades se dá mediante aos processos de identificação com construções discursivas socialmente disponíveis. Isso porque o social constitui o reservatório dos discursos utilizados pelos sujeitos para a construção do seu ideal do eu que é o alicerce da sua subjetividade.

REFERÊNCIAS

BHASKAR, Roy. Philosophy and scientific realism. In: ARCHER, M., et al. **Critical Realism: essencial readings**. London: Routledge, 1998.

BREI, Vinícius Andrade; GARCIA, Luciana Burnett; STREHLAU, Suzane. A influência do Marketing na erotização precoce infantil feminina. **Teoria e Prática em Administração**, nº 1, vol. 1, 2011, 97-116.

BRIENT, Jean-François; FUENTES, Victor Leon (Dir.). **Da servidão moderna**. Documentário, 2009, 52 min. Cor.

BÖHM, Stephen. **Repositioning Organization Theory**: impossibilities and strategies. New York: Palgrave MacMillan, 2006.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda; VIÉGAS, Rosemari Fagá; MIRANDA, Andréa Rodrigues de. **Desenhos Animados na Formação da Criança**. São Bernardo do Campo: Metodista, 2010.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DEJOURS, Christophe. **Trabalho vivo**: Trabalho e emancipação (Tomo II). Brasília: Paralelo 15, 2012.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001a.

FAIRCLOUGH, Norman. A Análise Crítica do Discurso e a Mercantilização do Discurso Público: Universidades. In: MAGALHÃES, C. M. **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001b.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa - tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, FGV, v. 35, n. 3, 1995, 20-29.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.

GUEDES, Berenice Lagos. História da Educação no Rio Grande do Sul, Maçonaria e Igreja Anglicana: algumas imbricações, contradições e paradoxos (1901/1970). **Tese (Doutorado)**. Universidade Federal de Pelotas: Pelotas, 2010.

GULLANE (THOMAS) LIMITED. **A história de Thomas e Seus Amigos**. 2018. Disponível em: <<https://www.thomasandfriends.com/pt-br>>. Acesso em: 15 maio 2018.

HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias**. Curitiba: Segesta, 2012.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 2012.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 1998.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo, Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **O Capital** – Livro I – Crítica da Economia Política: O processo de produção do capital. São Paulo, Boitempo, 2011.

OLIVEIRA, Glacielli; INCERTI, Tânia; CASAGRANDE, Lucas. Impactos da mídia na construção da identidade psicossocial da criança contemporânea. *In: VI Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade, Anais...* Rio de Janeiro, 2015. 136-137.

PASDIORA, Maria Alice; BREI, Vinícius Andrade. A formação do hábito de consumo infantil: uma análise crítica da Teoria de Consumo de Status aplicada às classes sociais altas e baixas no Brasil. **Organizações & Sociedade**, UFBA, v. 21, n. 68, 2014, 789-813.

PAULA, Alessandro Vinicius de; PINTO, Lauisa Barbosa; LOBATO, Christiane Batista de Paulo e MAFRA, Flávia Luciana Naves. Desenho também é coisa séria: desvelando o "funcionário padrão" da sociedade capitalista moderna no desenho animado bob esponja calça quadrada. **RAM (Revista de Administração Mackenzie)**, Instituto Presbiteriano Mackenzie, vol. 15, n. 5, 2014, 45-71.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Grafhia Editorial, 1999.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A nova ciência das organizações**: uma reconceitualização da riqueza das nações. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico**: implicações interdisciplinares. Campinas: Pontes, 2009.

SAFATLE, Vladimir. A teoria das pulsões como ontologia negativa. **Discurso**, USP, 36, 2007, 151-192.

SALLES, Helena Kuerten. de. Conhece-te a ti mesmo: O Discurso da Avaliação em Organizações Sem Fins Lucrativos. **Tese (Doutorado)**. Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. 275p.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica**. Petrópolis: Vozes, 2013.

STAVRAKAKIS, Yannis. **Lacan y lo político**. Buenos Aires: Prometeo – UNLP, 2007.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2002.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2010.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

Submetido em 05/06/2019
Aprovado em 17/09/2019